

18 DE JANEIRO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28018
de 18 de Janeiro de 2008,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



IGREJA
DE
PALMEIRA
DE FARO

Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

A nossa caminhada na divulgação do património do concelho de Esposende levamos hoje até à freguesia de Palmeira de Faro, paróquia que tem como orago Santa Eulália. A história da igreja e da freguesia é extremamente rica, com muitas peripécias e curiosidades, como os leitores vão poder constatar através deste suplemento "Património".

A primeira curiosidade reside no nome; não existe unanimidade, mas é consensual que o termo Palmeira esteja relacionado com "peregrino" ou estrangeiro, sugerindo que tenha sido um local de passagem ou de paragem dos peregrinos. Aqui existe outra divergência: enquanto uns autores dizem que seria um local de paragem de peregrinos à Terra Santa, outros preferem ser mais práticos e realistas, apontando como destino Santiago de Compostela, o que é muito mais lógico. Quanto ao termo Faro, parece não existir dúvidas que está relacionado com um farol que havia naquela localidade.

No entanto, por ventura, a maior curiosidade histórica reside no facto da Igreja de Palmeira de Faro ter estado cerca de 350 anos anexa à igreja de Antime, em Fafe, por via de diferentes padroados. Só deixou de ser comenda de Antime e, por extensão, comenda da Ordem de Cristo, na segunda metade do século XIX.

A actual igreja paroquial é uma construção do século XVII. Depois do 25 de Abril, sofreu uma autêntica revolução, deixando-a pobre, fria e sem arte antiga. Os paroquianos e o seu pároco não gostam e prevê-se outra grande revolução, repondo arte, brilho e grandiosidade ao templo.

Paróquia de Palmeira de Faro referida no Censual do Bispo D. Pedro



> Santa Eulália é referida como padroeira desta paróquia no "Censual do Bispo de D. Pedro", do século XI

Antiguidade de Palmeira de Faro está atestada no "Censual do Bispo de D. Pedro", também conhecido por "Censual de Entre Lima e Ave", cuja datação se pode situar entre os anos de 1084 e 1091. Segundo Silvestre Matos da Costa, num artigo intitulado "Palmeira do Faro até finais do século XVIII", publicado no Boletim Cultural de Esposende, n.º 18, Dezembro 1993/94, neste pergaminho existente no Arquivo Distrital de Braga encontra-se mesmo a referência mais antiga que se conhece sobre esta paróquia. «Com este censal, o titular da Mitra Bracarense, num processo de organização da diocese após a pacificação do território resultante da expulsão dos mouros, visava conhecer os direitos eclesiásticos a que eram obrigadas as paróquias da sua jurisdição», afirma. Assim, salienta o investigador, Palmeira de Faro «vem referida neste documento com a designação "de Sancta Eolalia de Faro", o que poderá traduzir-se por Santa Eulália de Faro ou do Faro, parecendo mais correcta a segunda forma». «No referido censal consta, relativamente a esta paróquia, a obrigação de "Janter". Tratando-se de uma

prestação de conteúdo muito vago, segundo Avelino de Jesus Costa, em "O Bispo D. Pedro e a Organização da Diocese de Braga", poderá talvez representar um tributo fixado em função das despesas com a refeição por ocasião das visitas, que seria pago anualmente ao cabido», acrescenta.

No que diz respeito à origem do nome Palmeira de Faro, Franquelim Neiva Soares, num artigo publicado no jornal "Nascer de Novo" em 1982, considera que ela é curiosa. Na sua opinião, «a denominação de Faro lembra o facho ou farol que se acendia no cimo dos montes e nas encostas do oceano para determinadas sinalizações e para orientação da navegação no oceano», sabendo-se que, «ainda em 1824 existia nesta freguesia o facho, que depois foi substituído por um marco geodésico, desaparecido também». Por outro lado, acrescenta o historiador, fazendo eco de uma teoria de Teotónio da Fonseca, publicada no seu livro "Espozende e o seu Concelho", «o nome de Palmeira parece derivar de "palmarium", ou "palmatum", vocábulo que designava, na baixa latimidade, o peregrino da Terra Santa, regressado à pátria com um ramo de palmeira em sinal de ter concluído a sua peregrinação».

Para Silvestre Matos da Costa, a ser verdade esta hipótese, «parece mais aceitável a sua relação com os peregrinos de Santiago de Compostela, pois sabe-se que esta freguesia ficava no roteiro dos que, atravessando o rio Cávado no sítio da Barca do Lago, se dirigiam depois no sentido de Palme-Fragoso-Cossourado, em direcção à Galiza».

Documentos medievais referem freguesia

O investigador sustenta ainda a antiguidade desta freguesia nas referências existentes em vários documentos medievais. Um desses documentos é proveniente do mosteiro de Vairão e é datado de 29 de Janeiro de 1108. Nele, afirma Silvestre Matos da Costa, a «freguesia vem designada com o nome de "villa de palamaria de Faro", sem referência ao nome da sua padroeira», tratando-se de «uma partilha que os filhos de Paio Godins e de sua mulher Gontinha Nunes fizeram entre si quanto aos bens que os seus pais tinham recebido por herança». Outro documento em que esta paróquia vem mencionada reporta-se ao ano de 1208. Trata-se da

bula "Sua Nobis", em que o Papa Inocêncio III mandava ao deão de Zamora decidir o pleito entre o Arcebispo de Braga, D. Martinho, e os reitores de várias igrejas da sua diocese, que lhe recusavam o pagamento do tributo sinodático e outros direitos episcopais», acrescenta o investigador. Neste documento a paróquia é referida com a designação de "Sancte Eolalie de Faro".

Segundo Franquelim Neiva Soares, Palmeira de Faro «surge também nas Inquirições de 1220 e nas de 1258, sendo já nesta última data um couto, isto é, região dada à ordem privilegiada do clero gozar de certas imunidades e privilégios». «No "Catálogo das Igrejas", de 1320, surge na Terra dos Mestre-escolado pagando duzentas libras. No "Censual do Cabido de Braga", de 1369-1380, aparece na Terra de Aguiar e Neiva pagando dez braçais, que eram, em dinheiro, três maravedis e uma terça. No "Censual de D. Jorge da Costa", de 1489-1493, aparece com a grafia de "Palmeira de Faram", na Terra do Mestre-escolado pagando trinta libras, que eram em prata um marco e meio e em dinheiro dois mil duzentos e cinquenta reais», acrescenta o historiador.

Palmeira de Faro foi anexa de Antime

Na história da paróquia de Palmeira de Faro há um marco importante a realçar que é a sua anexação, entre os finais do século XV e princípios do século XVI, à de Antime, no então concelho de Monte Longo, hoje de Fafe, que durou cerca de três séculos e meio.

Segundo Silvestre Matos da Costa, num trabalho intitulado "Palmeira de Faro na Comenda de Antime", publicado no "Boletim Cultural de Esposende", n.º 19, de Dezembro de 1997, nas Inquirições de 1220 e de 1258, «consta que a igreja de Santa Eulália de Palmeira do Faro não pertencia ao padroado real». Na sua perspectiva, é de admitir que «a iniciativa da construção da igreja tenha sido dos próprios moradores, que assegurariam igualmente a respectiva manutenção e, em contrapartida, teriam legitimidade para apresentação, à autoridade eclesiástica, dos nomes dos clérigos escolhidos».

No entanto, em data desconhecida, esta situação seria alterada, passando para o padroado real. «Com efeito, no "Livro das igrejas e capelas do padroado dos reis de Portugal", redigido no período de 1573-1574, consta efectivamente que a freguesia de "S. Olalha de Palmeira" teve cinco apresentações dos seus párocos por iniciativa deste padroado», afirma.

Em 1410, Palmeira de Faro passou para um novo padroado, mais concretamente para o da Casa de Bragança. Foi a 4 de Setembro que D. João I doou ao seu filho bastardo, D. Afonso, 8.º conde de Barcelos e 1.º duque de Bragança, os padroados das igrejas situadas nos julgados do Neiva, de Aguiar de Neiva, de Faria, de Vermoim, de Penafiel de Bastuço e do couto da Várzea. «Por efeito desta provisão régia, a igreja de Palmeira de Faro passou para o padroado da referida casa senhorial», afirma Silvestre Matos da Costa.

Anexação a Antime

Entretanto, acrescenta o investigador, «num documento, com o título de "Livro de todos os benefícios e comendas", que se presume ter sido escrito no ano de 1528, quando era Arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, a igreja de Palmeira do Faro figura como anexa à paróquia de Antime».

Segundo explica, desconhecem-se os motivos desta anexação que durou cerca de três séculos e meio mas sabe-se que teve grandes reflexos na vida da freguesia de Palmeira de Faro. Assim, afirma, «a administração da paróquia passou para a responsabilidade dos abades de



Cruzeiro e igreja de Palmeira de Faro



A paróquia esteve ligada a Antime até à segunda metade do século XIX

Antime; o estatuto dos párocos de Palmeira ficou reduzido à situação de vigários; e os abades de Antime passaram a intervir na apresentação, à autoridade eclesiástica, dos vigários de Palmeira do Faro».

Entretanto, em 1522, o rei D. Manuel I, por sentença de 13 de Agosto, com a anuência do Papa Leão X, decidiu transformar 15 igrejas paroquiais em comendas da Ordem de Cristo, com reserva à Casa de Bragança, sendo Santa Maria de Antime um desses templos.

Esta nova situação, afirma Silvestre Matos da Costa, voltou a reflectir-se em Palmeira de Faro. «De "igreja anexa" que era, passou agora a ter o estatuto de "comenda anexa"; a titularidade de todas as propriedades da igreja passou para a Ordem de Cristo; os comendadores de Antime passaram a intervir na administração das referidas propriedades, recebendo os respectivos foros; os vigários de Palmeira passaram a receber a sua cóngrua através da comenda; em contrapartida, os comendadores passaram a receber directamente dos moradores da freguesia os dízimos e premissas que estes pagavam anualmente ao pároco, conforme os usos; os comendadores de Antime assumiram, também, o pagamento das obrigações

da paróquia perante as estruturas arquidiocesanas como sejam, por exemplo, o Mestre-Escolado; os comendadores passaram igualmente a intervir na administração da sacristia e da capela-mor da igreja, cujos bens faziam parte dos inventários da comenda; e em consequência da alínea anterior, os comendadores obrigaram-se a dar um contributo anual para as despesas do culto como sejam: vinho para as missas, cera para o altar-mor, azeite para um lampadário, trigo para hóstias», realça o investigador.

Esta comenda de Antime e suas anexas viria a ser abolida no cumprimento da Lei de 30 de Maio de 1834, que extinguiu os conventos, mosteiros e instituições ligadas a ordens religiosas.

Segundo Silvestre Matos da Costa, «extinta que foi a comenda, manteve-se ainda a anexação da paróquia de Palmeira do Faro à de Antime». «Não tendo sido possível o conhecimento da data em que viria a cessar esta anexação, pensa-se que terá ocorrido já numa fase adiantada da segunda metade do século XIX pois que, na Estatística Paroquial de 1862 consta ainda que o vigário de Palmeira do Faro era de apresentação do reitor de Antime», afirma o investigador.



Imagem da padroeira Santa Eulália

Descrição do século XVIII mostra a riqueza da igreja

A actual igreja de Palmeira de Faro é, como a maioria dos documentos revela, uma construção do século XVII, com excepção da torre sineira, concluída apenas em finais do "século das luzes", século XVIII. No entanto, é sabido que, mesmo o corpo da igreja, sofreu várias intervenções consideráveis, nomeadamente em altura, como veremos adiante. Além dos dados mais dispersos recolhidos por diferentes investigadores, Silvestre Matos da Costa, traz-nos uma interessante descrição da igreja no primeiro quartel do século XVIII, que pode ser lida no Boletim Cultural n.º 19, da Câmara Municipal de Esposende, de Dezembro de 1997. O autor teve acesso aos tombos da igreja de Palmeira de Faro, tanto de 1612 como o de 1716, com descrições do templo com bastante minúcia, especialmente do interior. Em relação ao exterior, dizia-se que a igreja tinha três portas, situando-se a principal do lado poente e as transversais nas alas norte e sul. «Na ala norte havia uma pequena torre para dois sinos, mas só então existia um, encontrando-se o espaço destinado ao outro, devidamente tapado por grades de ferro». Ora, esta informação sobre a torre é pertinente, porque, alguns anos mais tarde, essa pequena torre seria demolida e construída outra, mais alta e monumental.

Em 1936, Teotónio da Fonseca escrevia o seguinte, no livro "Esposende e o seu concelho": «a actual igreja matriz é um templo bem construído, de boa pedraria, estilo renascença, cercado de um adro fechado por paredes com duas portas de serventia, tendo a que está à frente à entrada principal um fôjo de pedra. Ao lado da sua frontaria ergue-se uma sólida torre construída em 1795».

No interior, destaque para a capela-mor, porque é um retrato que pode dar pistas para a intervenção prevista. O documento do século XVIII refere que o altar principal era «pintado e dourado, com quatro colunas no respectivo retábulo. No seu lado direito ficava a imagem de Santa Eulália, padroeira da freguesia, e no lado esquerdo a de Santa Eufémia, também com grande veneração».

Estas duas imagens já não existem. Enquanto a de Santa Eufémia perdeu-se-lhe o rasto há muito, a de Santa Eulália foi roubada em 1986. «Foi substituída por outra do mesmo nome. Porém, a arte e formosura da actual não fazem, de modo algum, esquecer a antiga que superava esta em todos



Senhora do Rosário já é referida no século XVII



Imagem de Santa Luzia, protectora dos olhos, de grande devoção

os aspectos», escreveu padre Patrão, em jeito de lamento.

Sacrário colocado em 1665

Em relação aos altares, dizia-se que, junto ao arco da capela-mor situavam-se dois altares colaterais, tendo o da esquerda, em lugar de destaque, a imagem de Nossa Senhora, pensa-se que seja a do Rosário, com o Menino nos braços. No da direita a imagem de Cristo Crucificado. No segundo altar havia ainda as imagens do Menino Jesus e de S. Sebastião. A mesma descrição falava nos altares colaterais, guarnecidas com painéis de madeira, cuja conservação era da responsabilidade dos paroquianos. «No painel do lado direito ficava a imagem de S. Gonçalo e, acima desta, a de S. Caetano, enquanto que no retábulo do lado esquerdo estava pintado com motivos alusivos às almas do purgatório». Sobre obras, informações de 1668, dão conta da ordem da construção do coro, do púlpito e do retábulo da Virgem, «à custa das condenações da coutada e dos carros». O outro al-

tar foi dourado em 1675, por ordem do visitador.

O tomo a que Silvestre Matos da Costa teve acesso refere a existência de três cálices, dois dos quais dourados, com interior em prata. Havia também quatro conjuntos de paramentos, alguns missais, entre outros objectos. Um dos marcos mais importantes de uma igreja é a chegada do Santíssimo Sacramento. Era um processo moroso que requeria alguns requisitos. Palmeira de Faro recebeu o sacrário em 1665. A escritura foi feita em 27 de Dezembro de 1664, como refere o padre Franquelim Neiva Soares, num artigo publicado no jornal "Nascer de Novo".

Segundo este investigador de Esposende, foram pagos «oito mil e quatrocentos réis perpétuos anuais garantidos em boas e seguras herdades para o azeite da alâmpada do Santíssimo Sacramento». O professor fala do entusiasmo com que os moradores receberam o Santíssimo, prometendo cuidar d'Ele e da igreja. Palmeira de Faro foi visitada pelo pequenino mas carismático Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles, em 1707.



A igreja teve várias fases construtivas

Igreja paroquial sofreu grandes transformações no século XX

Ao longo do século XX, a igreja paroquial de Palmeira de Faro foi intervencionada por diversas vezes e, infelizmente, salvo o respeito pela obra, enquadrada no seu tempo, nem sempre houve um efectivo benefício. A transformação mais radical aconteceu nos finais dos anos 70. Hoje é uma igreja «pobre, fria e que não satisfaz as condições da paróquia, em todos os aspectos», resume o pároco padre Armindo Patrão, prometendo, por isso, uma autêntica revolução.

Seguindo o percurso da história, em 1927, no tempo do padre José Dias Carqueijó, a igreja terá sofrido as primeiras grandes obras de beneficiação do século. Foi alteado o madeiramento e colocou-se telha francesa, segundo notícia a publicação "Palmeira de Faro – Esposende – esboço para a sua história", uma edição da Fábrica da Igreja, em 1991. Em 1936, Teotónio da Fonseca escreveu no livro "Esposende e o seu concelho", referindo-se às obras de 1927: «ao entrar neste templo tem-se a sensação agradável de asseio, o que muito honra quem está encarregado de o zelar», apesar da simplicidade da igreja.

A publicação da Fábrica da Igreja nota que, em 1965, foi trasladado o púlpito para o arco-cruzeiro, dois altares e abertura de uma nova porta, «no tempo do padre José Pires Afonso». Mas foi no ano de 1978 que foi feita a principal remodelação, «que adulterou, quase por completo, o seu traçado primitivo». Na época, em Março de 1978, o pároco assinou o editorial do jornal "Estrela de Faro", onde descrevia as alterações e não poupava elogios à obra, que consistiu na remodelação e demolição da capela-mor e construção de uma nova bastante maior. «A nova capela-mor é mimo de frescura, de luz e de funcionalidade e uma das melhores no género, aqui pelas redondezas», elogiava.

No fascículo publicado em 1991, o padre Patrão discordava em absoluto do seu antecessor: «não se acautelou um lugar honroso para as exposições do Santíssimo Sacramento; não se previu os incómodos das passagens dos sacerdotes desde a sacristia, nas celebrações, por meio da assembleia, por vezes aos empurrões, arrumou-se a pia baptismal para o adro, colocando em seu lugar uma nova que mais parece um foguetão desarticulado do estilo de igreja». O sacerdote criticava também as mudanças na capela-mor. «Hoje, temos uma igreja que vai do estilo renascença ao moderno», lamentando que, em vez da ampliação da capela-mor, não



> Nova capela-mor tem forma octogonal, a forma da perfeição



> Capela-mor que substituiu a outra, de estilo tradicional



> Algumas réstias de talha, de um altar completamente modificado

tivesse enveredado por acrescentar uma nave, abrindo a possibilidade de a fazer posteriormente.

Capela-mor tem formato octogonal

De facto, uma das grandes mudanças que desagradou aos fiéis e ao actual pároco aconteceu na capela-mor. Foi demolida e construiu-se uma nova de arquitectura octogonal que, em termos litúrgicos, é considerada a forma perfeita, o dia da eternidade, o oitavo dia. Vista de fora vê-se claramente a intenção,

mas a execução está longe de ser perfeita. Aliás, em muitos locais, a pia baptismal também tem forma octogonal. Em Palmeira de Faro, a antiga pia foi colocada no adro, a servir de vaso, e no seu lugar foi colocado um «foguetão», nas palavras do padre Patrão. Questionado sobre as obras realizadas nos últimos 20 anos, o pároco é peremptório. «Eu ainda não fiz quase nada a não ser corrigir pequenas asneiras que se fizeram no passado, designadamente pôr umas peanhas para algumas imagens e

embelezando a igreja em outros aspectos, fazer a electrificação, que era muito fraquinha, reformulámos a aparelhagem sonora e pusemos bancos novos». O sacerdote queixa-se de uma igreja muito fria, por ser em granito e tijoleira. «O aquecimento apenas se nota quando há celebrações festivas, que são muito vividas, felizmente», considera. De acordo com o padre Patrão, a igreja só tem uma ala lateral, dando impressão de que falta qualquer coisa, falta-lhe uma asa. Na inter-

venção, «não ganhou lotação, salvo alguns na capela-mor e a igreja ficou despojada na sua arte, nomeadamente a talha». Em relação a imagens antigas, destaque para a da Nossa Senhora do Rosário, já referida no século XVIII. Há tempos, durante a noite, deslizou e caiu, mas felizmente não sofreu qualquer dano. As imagens do Coração de Jesus, S. Sebastião, a padroeira Santa Eulália, não a antiga porque essa foi roubada, dão algum colorido a uma igreja com uma história muito rica.

SACRÁRIO REGRESSA A "CASA" E O BARROCO PODE VOLTAR A BRILHAR NO TEMPLO

Padre Patrão prepara "revolução" na igreja de Palmeira de Faro

A igreja de Palmeira de Faro, tal como está, não agrada a ninguém. Mesmo os paroquianos não têm dúvidas em considerar que têm, provavelmente, a igreja mais feia do concelho de Esposende. Por outro lado, é notório o desconforto sentido tanto pelo celebrante como pelos fiéis, principalmente no Inverno. Por isso, embora o pároco, padre Armindo Patrão, não queira avançar com pormenores sobre o projecto, que ainda tem que ser aprovado pelos superiores eclesiásticos e pelas autoridades civis, é um facto que a igreja de Palmeira de Faro vai sofrer uma grande revolução.

Nas intenções do sacerdote, a capela-mor será completamente modificada. «Pretendemos que volte à traça original, repondo a capela-mor inicial e antiga, que contemplava também uma tribuna barroca. As pessoas aqui apelam por uma tribuna. Foi vendida, dada ou roubada. Não se sabe para onde foi parar. E para repor uma tribuna temos que mexer na estrutura da igreja, designadamente no tecto», afirmou. Padre Patrão pensa recorrer a fotografias antigas de casamentos e baptizados para analisar a talha e os seus pormenores e, a partir daí, conceber uma tribuna o mais próximo do original possível. «As pessoas identificam-se mais com uma talha tradicional. E não será difícil. É só ir a Braga e encomendar uma nova ou então arranjar uma tribuna com peças antigas. A igreja tinha uma talha joanina, barroca, e queremos fazer uma imitação semelhante», anunciou.

Palmeira de Faro tinha, na opinião do pároco, provavelmente, o sacrário mais bonito do arcebispo. Felizmente, essa peça foi salva pela visão e interesse do monsenhor Baptista de Sousa. «Foi a única peça que se salvou e que está no Museu da paróquia de Esposende. O pároco já nos prometeu que, quando fizermos as obras, vai devolver-nos o sacrário».

À época, monsenhor Baptista de Sousa, figura respeitada em Esposende, apercebeu-se do que ia acontecer, comprou o sacrário e levou-o para o museu. Um gesto, cujo alcance e significado será ainda mais valorizado, caso se concretize o seu regresso à casa-mãe.

Novas regras litúrgicas ou movimento demótico

A grande reforma desta igreja deu-se nos anos 80 do século XX. É inte-



> Sacrário moderno, colocado no âmbito da remodelação da capela-mor

ressante constatar duas visões sobre um mesmo acontecimento, sem que sejam contraditórias. Para Manuel Albino Penteado Neiva, tratou-se de uma intervenção infeliz, mas enquadrada num movimento modernista e demótico no pós 25 de Abril e que a Igreja, se calhar, para acompanhar o País, quis retirar solenidade e sumptuosidade às igrejas. «A Igreja quis, de certa forma, democratizar-se. Muitas talhas foram retiradas para dar um carácter mais popular, mais demótico, humilde. Palmeira de Faro também passou por essa fase, em que foi retirada a talha, rica e o interior da igreja ficou despido. Depois há uma espécie de arrependimento e a igreja volta a renovar-se e vimos isto no século XVIII. O pós 25 de Abril é o momento em que muitas igrejas perdem a sua condição de local de arte», disse.

Um ponto de vista a que o padre Armindo Patrão não partilha e argumenta: «a maior delapidação das igrejas coincidiu com o 25 de Abril, mas deveu-se sobretudo à reforma litúrgica saída do Concílio Vaticano II, entre 1962 e 1965. É in-

A reforma aprovada pelo papa Paulo VI trouxe uma série de modificações de ordem prática, nomeadamente o altar "Versus Populi", isto é, o altar virado para o povo e, consequentemente, o celebrante virado para a assembleia. Curiosamente, o actual sumo pontífice, Bento XVI, sugere um regresso ao passado, quando para tal existirem condições.

Este sacerdote explica que a nova disposição do altar, requeria a colocação da mesa do altar, do púlpito, da cadeira do celebrante, pelo que havia que conquistar espaços para as peças. Para tal, tiveram que banir certas coisas, sobretudo alguma arte. Criou-se o dilema entre o tirar ou não tirar a talha. Felizmente, muitos optaram por não a tirar.

Padre Patrão assegura que a obra que idealizou para Palmeira de Faro será de consenso, mas fundamentado. «Não vamos na onda, nem vamos aceitar opinião de pessoas, sem que ela esteja bem fundamentada», avisa, prometendo sobretudo uma igreja acolhedora e atractiva para os fiéis.



A nova pia baptismal, de estilo moderno, não desperta muita simpatia



Pretende-se construir outra nave lateral como esta

Centro Paroquial é uma mais-valia para a freguesia de Palmeira de Faro

O padre Armindo Patrão afirma que o Centro Paroquial de Palmeira de Faro, recentemente inaugurado pelo Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortega, é uma mais-valia para a freguesia.

Segundo explica, esta obra, que foi iniciada em Abril de 2002, é fruto de um estudo cuidado que se fez e, neste momento, o centro é já motivo de orgulho por parte da população. «As pessoas inicialmente questionavam este centro, mas agora já sentem orgulho e, num futuro breve vão sentir muita vaidade nesta obra», disse.

Para o pároco, este é um centro que se destaca, não só pelo projecto, «que é muito bonito», mas também pelas valências que alberga, uma vez que ele está ao serviço das actividades pastorais da paróquia e ao serviço da cultura.

«E, sobretudo, tem um auditório com capacidade para 250 pessoas sentadas, que é caso único no concelho de Esposende e até dos poucos na Diocese de Braga», realçou. Na opinião do sacerdote, este auditório pode mesmo entrar na rota de uma descentralização cultural que a Câmara de Esposende pretenda efectuar, para que certos espectáculos não fiquem apenas na sede do concelho.

«Neste momento já estou a ser bastante procurado para permitir concertos aqui. E, o primeiro vai ser, precisamente um concerto pela Banda de Música de S. Paio de Antas, no dia 2 de Fevereiro, numa parceria com os Rotários, que visa angariar verbas para a ajuda do Museu Marítimo», revelou.

Por outro lado, o Centro Paroquial está também destinado para a catequese, possuindo dez salas com essa finalidade. Segundo explicou, são salas de grande dimensão que podem ser subdivididas em caso de necessidade. Existem ainda nesta infra-estrutura pequenos espaços especialmente vocacionados para a formação.

Outro espaço que o novo equipamento possui é a casa mortuária. Até à inauguração do centro, as pessoas que faleciam eram veladas na capela de Santo António que servia, assim, de capela mortuária.

«A capela de Santo António, com as condições para o culto do santo, não nasceu para ser capela mortuária. Era um remedeio. Agora, com o centro inaugurado, as famílias sabem que é para aqui que devem trazer os seus defuntos para serem velados», disse, acrescentando que nas suas paróquias já não há o há-



> Centro Paroquial é já o orgulho da freguesia



> O equipamento tem dez salas para a catequese



> O auditório tem capacidade para 250 pessoas sentadas

bito de a pessoa falecida ficar em casa.

É preciso reduzir exageros nos cemitérios

Aliás, na opinião do padre Armindo Patrão, isso deveria ser proibido. «É uma mentalidade que tem de mudar e a Igreja tem também um trabalho de base a fazer no culto

aos mortos, sobretudo no exagero dos cuidados nos cemitérios. Muitas vezes os cemitérios são campos de vaidade e de despesas loucas», realça.

«Ao pactuar com esta mentalidade do povo, arriscamo-nos a que a nossa religião seja uma religião de mortos e não de vivos», acrescenta. Mas, o padre Armindo Patrão vai ain-

da mais longe ao afirmar que a missa não é o único meio de sufragar as almas do purgatório. «E, as boas obras que as pessoas têm que fazer? E, as esmolas que se dão, por exemplo, para a manutenção de uma igreja, não contam para o sufrágio dos mortos? E, as esmolas que se dão para a construção de um centro paroquial também em sufrágio de mortos?

É claro que contam. É isso que nós temos de defender junto das pessoas, e é essa mentalidade nova que nós temos de criar nas pessoas», defende o sacerdote.

Por fim, e voltando ao Centro Paroquial de Palmeira de Faro, o equipamento possui ainda, como valência, um pequeno bar de apoio às actividades ali desenvolvidas.



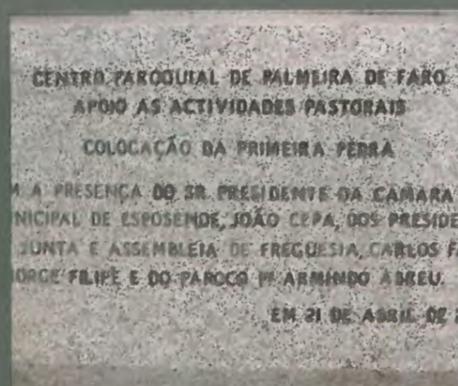
> Os investigadores afirmam que a torre da igreja de Palmeira de Faro foi construída em 1795, possuindo quatro sineiras que foram automatizadas por computador em 1990, com o contributo financeiro de benfeitores.



> Junto à porta de entrada da igreja há uma sepultura ou tampa de sepultura de Pedro Carneiro Gaio, que morreu em Vila do Conde, em 1716. A tradição popular atribui esta sepultura a D. Sapo. Segundo é vulgar, as mulheres não passam sobre esta sepultura porque, mesmo depois de morto, ele espreita para as suas pernas.



> No cemitério paroquial de Palmeira de Faro não passa despercebido um jazigo, que se distingue pela sua arquitectura românica. Alguns elementos, pela tonalidade do granito, parecem ter sido um aproveitamento, no entanto, outros mostram tratar-se de um neo-românico.



> A par da placa de inauguração, e também guardada a placa que assinala o lançamento da primeira pedra da construção do Centro Paroquial, que se realizou a 21 de Abril de 2002.



> No adro da igreja de Palmeira de Faro encontra-se a antiga pia baptismal que deverá ter sido deslocada para este sítio nas últimas obras realizadas no templo. Esta peça em granito está a servir de floreira.



> A igreja de Palmeira de Faro foi sujeita a grandes obras em 1978 que a transformaram por completo. No entanto, ainda é possível apreciar uma pia de água benta em granito decorada que deverá ter "sobrevivido" a esse grande arranjo.